

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

# humanitas

Vol. LXIV



02/03/2018

• U



C •

Dep.  
15  
3/4

COIMBRA  
2012

*A Abertura da Europa e de Portugal ao Extremo Oriente e ao Brasil. Revista Portuguesa de História do Livro. Ano XIV, vol. 28, Edições Távola Redonda, Lisboa, 2011, pp. 726, ISSN: 0874-1336.*

O vol. 28 da *Revista Portuguesa de História do Livro* constitui uma homenagem ao filósofo francês Marcel Conche, professor jubilado da Sorbonne, por ocasião do seu 90º aniversário. Dando particular relevo à tradução francesa e comentário do filósofo francês ao *Tao Te King* (2003), um texto em chinês clássico do séc. VI a. C. que constitui um dos alicerces filosóficos do taoísmo, a primeira parte do volume apresenta precisamente um estudo de António Miguel de Campos, autor de uma nova tradução portuguesa daquela obra, em que são descritas as características específicas daquele texto filosófico, confessadamente ambíguo e enigmático. Segue-se um conjunto de estudos de Manuel Cadafaz de Matos, acerca das relações históricas e culturais entre a Europa e a China, nomeadamente entre Portugal e a China, não apenas na sua expressão material e mercantil, mas antes no reconhecimento da sua forte componente religiosa, cultural, científica e filosófica, visível através do livro e da transmissão do cristianismo e dos progressos científicos e tecnológicos que este promoveu. Particularmente dignas de interesse são as gravuras que acompanham o fac-símile da obra do Pe. Gaspar Ferreira S.J., *Método para a Recitação do Rosário* (pp. 92-121). A vida e obra do filósofo francês Marcel Conche ocupa então as páginas 239-303, precedidas ainda de dois estudos sobre a ante-História do livro na China, o interesse pelo Taoísmo na obra do filósofo francês e o interesse simultâneo quer pelo helenismo quer pela antiga filosofia chinesa.

A Segunda Parte do volume é dedicada à memória de Duda Guennes, jornalista brasileiro radicado em Portugal. Nela são publicados diversos estudos (de Luís Guilherme Pontes Tavares e de Manuel Cadafaz de Matos) acerca da actividade da imprensa no Brasil, desde o séc. XVII até aos nossos dias, assinalando assim o 2º centenário da introdução da imprensa na cidade de S. Salvador da Baía.

Além destas duas partes anunciadas pelo título do volume (*A Abertura da Europa e de Portugal ao Extremo Oriente e ao Brasil*), a obra integra ainda uma Terceira, uma Quarta e uma Quinta Partes. Enquanto a Terceira reúne quatro estudos (do director da publicação, Manuel Cadafaz de Matos, de Maria Valentina Mendes, de Tiago Marques e de Benedetta Contin) acerca da imprensa na Europa ocidental e mediterrânica, a Quarta e a Quinta reúnem um conjunto de trabalhos da autoria do director da revista: a Quarta Parte reúne três estudos de natureza iconográfica; a Quinta Parte, de raro interesse para o espaço ibérico, ocupa-se da História da edição musical, dando particular relevo à obra de Tomás Luís de Victória e às suas relações com Portugal.

Sem aviso prévio, porém, o leitor é levado da área conceptual das edições musicais de Tomás Luís de Victória até Hans Bethge (1876-1946) e à sinologia germânica e à obra do filósofo romeno Emile Cioran (1911-1995), no que parece constituir uma omissão da organização estrutural do livro. De facto, as páginas finais do volume parecem pertencer a uma eventual *Varia* que o leitor esperaria fosse de algum modo assinalada, mas que vêm ainda indexadas ao título daquilo a que chamei Quinta Parte: “Para a História da Edição Musical”.

Entre cerca de 150 páginas de valor científico algo desigual (pp. 563-702) sucedem-se então os artigos temáticos, os projectos, as recensões, a simples correspondência pessoal e a evocação (*In memoriam*) de diversas figuras da intelectualidade, recentemente desaparecidas (entre elas Jacqueline de Romilly, Aníbal Pinto de Castro, Luís de Sousa Rebelo e Vitorino Magalhães Godinho).

A erudição e a interdisciplinaridade a que Manuel Cadafaz de Matos já habituou os seus leitores ganharia em ser acompanhada de maior esmero do ponto de vista da apresentação final do texto (esmero nem sempre compatível com a torrencialidade da escrita), bem como de maior apuro do ponto de vista da concepção e organização interna do livro propriamente dito, qualidades que se deveriam reflectir desde logo no respectivo sumário.

Uma gralha a corrigir na própria capa: ao volume nº. 28 de 2011 deveria corresponder o Ano XIV de publicação (e não XIII), como aliás se lê no rodapé interno das páginas iniciais de artigos como p. 19, 51, 129, etc. (*Revista Portuguesa de História do Livro e da Edição*, Ano XIV, nº. 28 – 2011) e ainda na página final do próprio volume, onde a dúvida é completamente esclarecida.

MARGARIDA MIRANDA

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel, coord.: *Fílon de Alexandria nas Origens da Cultura Ocidental* (Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2011) 155 p. ISBN 9789729376221.

O volume em recensão reúne parte dos resultados da investigação realizada no âmbito do Projecto «Fílon de Alexandria nas Origens da Cultura Ocidental», integrado no Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, e cujo objectivo é estudar e traduzir a obra do filósofo judeu de Alexandria, bem como a sua recepção na filosofia, teologia e exegese cristã. A maioria dos textos aqui publicados foi comunicada ao público numa jornada realizada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em Março de 2011. As excepções são os artigos de Manuel Alexandre Júnior («A sofística alexandrina sob o olhar crítico de Fílon de Alexandria»), de Maria Fernandes («*Physis* no tratado de Fílon de Alexandria *De Iosepho*») e de Sofia Torallas Tovar («Fílon de Alexandria na interpretação das Escrituras»), tendo este último, todavia, sido igualmente apresentado na Faculdade de Letras de Lisboa, cerca de um mês antes do encontro que motivou esta publicação.

Figura de peso considerável na cultura da Antiguidade Clássica, quer pela qualidade e quantidade dos seus escritos, quer pelo que significa em termos de produto cultural, de síncrese entre os saberes orientais – designadamente o judaísmo – e os greco-romanos, Fílon está longe de ser das personalidades antigas mais bem tratadas entre nós. Com a mui honrosa excepção de Manuel Alexandre Júnior, que tem centrado no filósofo do século I quase toda a investigação que tem feito ao longo da sua carreira científica, poucos são os estudos que os investigadores portugueses têm dedicado a Fílon. Tomamos mesmo a liberdade de recordar o seminário de Literatura Grega que frequentámos com êxito na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Doutor Manuel Alexandre Júnior, no já longínquo ano lectivo de 1991-1992, dedicado à retórica helenística e em que a obra de Fílon tinha um peso considerável. Por razões várias, os nossos estudos de Mestrado acabaram então por se centrar num outro judeu helenístico, aliás contemporâneo de Fílon – Flávio Josefo –, mas em quem as afinidades culturais facilmente se percebem e detectam.

O estudo de exegese filónica com que Manuel Alexandre Júnior abre este volume, «Fílon de Alexandria na interpretação das Escrituras» (pp. 9-22), funciona como introdução ao tema. Com este texto, o A. visa responder a três questões de base: 1ª «Para quem escreveu Fílon os seus